

“ÇA NE FAIT PAS”

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 09/05/88)

Reconhecidamente, o francês age muito em função do “ça ne se fait pas”, ou “isto não se faz”, principalmente, em se tratando de pessoas fruto de uma educação tradicional e dessas não se excluem os jovens, como se poderia pensar. Mas vamos a um exemplo: a moça passar o braço na cintura do namorado, isso não se faz. Ir à casa de um amigo sem preveni-lo antes, isso não se faz.

E não adianta querer fazer amizade com o vizinho da frente ou do lado, porque será em vão. A privacidade do indivíduo é a primeira coisa a ser observada e respeitada. Além disso, o francês não gosta de ser incomodado. Então, ele prefere não entrar em muitas intimidades (acho que é isso), o que afasta e impede mesmo que você se aproxime dele.

Logo que me mudei para este apartamento, quis conhecer meu vizinho de porta. Natural, não? Na primeira oportunidade, convidei-o a tomar um cafezinho em minha casa. Então, contei que era brasileira e o que fazia aqui, e ele me falou de seu trabalho. Uma relação amigável se estabeleceu. A partir daí, pensei, viríamos a ser amigos, freqüentariamos um a casa do outro. O quê? Ledo engano. Nossa relação ficou nisso. O máximo que fazemos hoje é nos dizermos bom-dia ao nos encontrarmos no corredor.

Mas pior foi com a vizinha de janela. Bem em frente das minhas, há uma espécie de restaurante-espetáculo, que funciona todos os dias das 18h às 4h da madrugada. No verão, suas portas ficam abertas, assim como minha janela, e não preciso dizer que nessa época nos vemos sempre. E logo, logo, vejo que quem trabalha no bar é um português. Fala minha língua, ficamos amigos rapidamente. O cozinheiro e o garçom são também simpáticos, um de origem árabe, outro africano. Às vezes conversamos e rimos uns com os outros, sempre pela janela.

A patroa, francesa, muito responsável, séria no seu trabalho. E mal-humorada também, eu diria. Acho que não me vê. Ou melhor: muitas vezes me olha, mas nem sempre me vê. De quando em quando diz um bom dia educado e seco. E é tudo.

Assim passam-se os meses. Até que um dia, no verão seguinte, por espanto meu, ela me dirige a palavra. Estava eu a regar minhas plantas da floreira, quando ela lança um elogio para as flores. Inclusive me pergunta se eu, sendo brasileira, não sinto muito a falta da natureza. Imaginem só. Ela precisou de um ano para se permitir conversar comigo. Mas parou por aí...

Mais tarde conto esta história a uma amiga francesa, que me diz:

-Sua atitude? Não me surpreende.

-Por que? pergunto.

-Ora, porque isso não se faz, de ficar conversando assim pela janela, com uma vizinha desconhecida...